

**NANCY SPRINGER**

# **EnOLA** **HOLMES**

**O CASO DO  
MARQUÊS DESAPARECIDO**

**Tradução**  
Livia Koepl

1ª edição

---

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2020



**VERUS**  
EDITORA

**Editora**

Raïssa Castro

**Coordenadora editorial**

Ana Paula Gomes

**Copidesque**

Lígia Alves

**Revisão**

Raquel Tersi

**Diagramação**

Beatriz Carvalho

**Título original***The Case of The Missing Marquess – An Enola Holmes Mystery*

ISBN: 978-85-7686-833-0

Copyright © Nancy Springer, 2006

Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2020

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra

pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

**Verus Editora Ltda.**

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP,  
13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | [www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

S755e  
Springer, Nancy, 1948-

Enola Holmes [recurso eletrônico] : o caso do marquês desaparecido / Nancy Springer ; tradução Livia Marina Koepl. - 1. ed. - Campinas [SP] : Verus, 2020.  
recurso digital (Enola Holmes ; 1)

Tradução de : The case of the missing marquess : an Enola Holmes mystery

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788576868507 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil americana. 3. Livros eletrônicos. I. Koepl, Livia Marina. II. Título. III. Série.

20-66198

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba  
informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

*Para minha mãe — N. S.*

# SUMÁRIO

Agosto de 1888, distrito de East End, Londres, após o anoitecer

Capítulo primeiro

Capítulo segundo

Capítulo terceiro

Capítulo quarto

Capítulo quinto

Capítulo sexto

Capítulo sétimo

Capítulo oitavo

Capítulo nono

Capítulo décimo

Capítulo décimo primeiro

Capítulo décimo segundo

Capítulo décimo terceiro

Capítulo décimo quarto

Capítulo décimo quinto

Londres, Novembro de 1888

Solução do criptograma

# AGOSTO DE 1888, DISTRITO DE EAST END, LONDRES, APÓS O ANOITECER

A ÚNICA LUZ VEM DAS POUCAS lamparinas a gás ainda intactas e dos fogareiros dos velhos vendedores nas calçadas, que, do lado de fora das tavernas, oferecem marisco cozido em panelas borbulhantes. A estranha, toda vestida de preto, do chapéu às botas, desliza de sombra em sombra sem ser notada, como se ela mesma fosse uma. De onde ela vem, é inconcebível que uma mulher se arrisque a sair à noite sem a companhia do marido, pai ou irmão. Mas ela fará o que for preciso para procurar a pessoa desaparecida.

Enquanto caminha, de olhos bem abertos atrás do véu preto, examina, procura e observa. Ela vê cacos de vidro no pavimento rachado. Vê ratos perambulando com ousadia, arrastando o repugnante rabo sem pelos. Crianças maltrapilhas correndo descalças em meio aos ratos e cacos de vidro. Casais cambaleantes de mãos dadas, os homens com colete vermelho de flanela e as mulheres com touca barata de palha. Vê alguém deitado ao pé de um muro, talvez bêbado, dormindo entre os ratos ou até mesmo morto.

Ela observa, mas também escuta. Em algum lugar, uma sanfona ressoa no ar cheio de fuligem. A investigadora de véu negro ouve a música ébria. Ouve uma garotinha chamando: “Papai? Pai?” do

lado de fora de um bar. Gritos, risadas, exclamações embriagadas, vendedores ambulantes anunciando: “Ostras! Com molho de vinagre e fritas na gordura! Quatro por um centavo!”

Ela sente o cheiro do vinagre. Sente o cheiro de gim, repolho cozido, salsicha quente, sente o bafo salgado do porto mais próximo e o fedor do rio Tâmis. Sente o cheiro de peixe podre. Do esgoto a céu aberto.

Ela apressa o passo. Precisa continuar andando, pois não apenas procura como também é procurada. A caçadora de véu negro está sendo caçada. Para que seus perseguidores não a encontrem, ela precisa ir para bem longe.

No poste de luz seguinte, vê uma mulher de lábios pintados e olhos borrados esperando na entrada de uma casa. Um coche de aluguel estaciona e um homem de fraque e cartola reluzente desembarca. Embora a mulher na porta use um vestido de noite decotado que deve ter pertencido a uma dama da mesma classe social do cavalheiro, a observadora de véu negro não acredita que ele tenha vindo dançar. Ela vê os olhos exaustos da prostituta, apreensivos de medo, por mais sorridentes que sejam os lábios pintados de vermelho. Uma de suas colegas foi encontrada morta a poucas ruas dali, toda retalhada. Evitando seu olhar, a investigadora continua andando.

Um homem com a barba por fazer, encostado numa parede, pisca para ela:

— Senhorita, o que faz aí sozinha? Não quer companhia?

Se fosse um cavalheiro, não teria falado com ela sem as devidas apresentações. Ignorando-o, ela anda mais rápido. Não deve falar com ninguém. Ali não é o seu lugar. O conhecimento desse fato não a perturba, pois ela nunca pertenceu a lugar algum. E, de certo modo, sempre esteve sozinha. No entanto, é com o coração apertado que ela examina as sombras, pois agora não tem uma casa, é uma estranha na maior cidade do mundo, sem saber onde deitar a cabeça esta noite.

E, se Deus permitir que ela sobreviva até o amanhecer, espera

apenas encontrar quem ela ama, quem tanto busca.

Penetrando cada vez mais nas sombras dos cortiços nas docas a leste de Londres, ela segue seu caminho. Sozinha.

# CAPÍTULO PRIMEIRO

EU GOSTARIA MUITO DE SABER POR que minha mãe me deu o nome “Enola”, que de trás para a frente é *alone*, ou seja, *sozinha*. Mamãe era, ou talvez ainda seja, uma grande entusiasta de criptogramas e provavelmente tinha algo em mente quando inventou esse nome, fosse um pressentimento, uma espécie de bênção às avessas ou até algum plano, mesmo meu pai estando vivo na época.

Em todo caso, quase que diariamente ela me dizia: “Você vai se sair muito bem sozinha, Enola”. Eu cresci ouvindo isso. De fato, era seu jeito distraído e habitual de se despedir quando partia com seu caderno de desenho, seus pincéis e aquarelas para viajar pelo interior. E, de fato, eu estava sozinha quando, numa tarde de julho, em meu aniversário de catorze anos, ela simplesmente não voltou para Ferndell Hall, nossa casa.

Como eu já tinha celebrado meu aniversário com Lane, o mordomo, e sua esposa, a cozinheira, a ausência de minha mãe não me incomodou a princípio. Embora sempre fôssemos cordiais quando nos encontrávamos, minha mãe e eu poucas vezes falávamos de assuntos particulares. Presumi que uma questão urgente a tivesse retido em algum lugar, principalmente porque ela havia instruído a sra. Lane a me entregar alguns pacotes na hora do chá.

Os presentes de mamãe foram:

Um kit de desenho contendo papel, vários tipos de lápis, um canivete para apontá-los e borrachas, tudo arranjado de maneira bastante sistemática dentro de uma caixinha baixa de madeira que se

transformava num cavalete.

Um livro grosso intitulado *O significado das flores: incluindo notas sobre as mensagens expressas por leques, lenços, lacres de cera e selos postais*.

Um livrinho muito menor sobre criptografia.

Embora meu talento como desenhista fosse limitado, minha mãe incentivava a pequena veia artística que havia dentro de mim. Ela sabia que eu gostava de desenhar, do mesmo modo que gostava de ler praticamente qualquer livro que me caísse nas mãos, não importava o tema — exceto criptografia, assunto que ela sabia não ser de grande interesse para mim. Apesar disso, era evidente que tinha feito aquele livrinho com as próprias mãos, que havia dobrado e costurado as páginas decoradas com delicadas flores em aquarela.

Aquele presente obviamente lhe dera algum trabalho. Ela não se esqueceu de mim, eu disse a mim mesma. E repeti isso com firmeza a tarde inteira.

Embora não fizesse a menor ideia de onde minha mãe pudesse estar, esperava que ela voltasse para casa ou pelo menos enviasse uma mensagem durante a noite. Com esse pensamento, dormi tranquila.

Mas, na manhã seguinte, Lane balançou a cabeça. Não, a dona da casa ainda não tinha retornado. Não, não chegara nenhum recado da parte dela.

Lá fora, começara a cair uma chuva cinzenta, para combinar com meu estado de espírito, que ia ficando cada vez mais apreensivo.

Após o desjejum, subi as escadas correndo e entrei em meu quarto, um agradável refúgio onde tudo, incluindo o guarda-roupa, o lavatório e a cômoda, era pintado de branco e enfeitado com pequenos ramalhetes rosa e azuis nos cantos. “Decoração campestre”, diziam. Falavam que eram móveis baratos, adequados somente para crianças, mas eu gostava deles. Na maior parte do tempo.

Não hoje.

Eu não podia ficar dentro de casa; na realidade, mal conseguia